



O Ensino Religioso no Ensino Médio
Colégio Waldorf Micael de São Paulo

Mauro Pompeu Porrino
Cristina Brigagão Abalos
Maria Cecília Bonna

Texto originalmente publicado no Periódico nº 3 da FEWB em junho 2002

Breve Histórico do Ensino Religioso no Colégio Waldorf Micael

Em 1995 iniciou-se no Colégio Waldorf Micael o ciclo do Ensino Médio. Realizava-se o sonho de tantos anos, o qual envolvera um amplo e aprofundado estudo sobre o currículo desta faixa etária. Dentre as inúmeras, diferenciadas e importantes matérias que compunham o currículo de várias escolas Waldorf no mundo, optamos desde o início, incluir o Ensino Religioso em nossa grade curricular.

Seguindo a tendência dessa matéria no Ensino Fundamental de nossa escola, definimos em primeiro lugar que seria algo livre e desvinculado de qualquer credo ou crença religiosa, mas que os conteúdos a serem ministrados deveriam partir de alguns pressupostos. Essas bases norteariam a escolha dos temas a serem tratados em cada ano e dariam ao professor dessa matéria, alguns parâmetros que pudessem indicar-lhe caminhos sem - no entanto - tirar sua liberdade de escolha. Esses parâmetros visaram ainda nortear quanto a: como deve ser a preparação do professor? quais as formas de abordagem dos assuntos? qual a dinâmica de uma aula de ensino religioso no Ensino Médio? E ainda, atividades extracurriculares que pudessem contribuir para a formação ético-religiosa de nossos jovens.

A partir dessas primeiras ideias, pesquisamos palestras que abordassem o tema - jovem X religião - como a palestra de maio de 94 com o Senhor Zimmermann, além de conversarmos com pessoas que nos pudessem orientar. Várias conversas foram feitas, sendo que duas foram definitivas: a que tivemos com Johanna Bos em fim de 96 e início de 97 e uma palestra sua de 1994.

Em palavras textuais e respondendo à questão de uma professora, a qual expressava sua ansiedade por assumir o Ensino Religioso para alunos do Ensino Médio, pela 1ª vez - não só no Colégio Micael, mas no Brasil - Johanna Bos disse: "O mais importante no trabalho de Ensino Religioso com os jovens, não é tanto o que se escolhe, mas o como esse tema foi vivenciado pelo professor que o está abordando. Se o que você traz é algo que está sendo só relatado, ou que foi somente

lido - ou ainda - experienciado por outros, então isso não soará como uma verdade para os jovens e eles questionarão. O que verdadeiramente importa, é que cada conteúdo tenha sido trabalhado pelo professor. O professor não precisará, ou deverá trazer sua própria opinião sobre um tema, mas deve ter clareza interior sobre o assunto tratado e permear a conversa com absoluta liberdade de expressão para seus alunos. Se a sua verdade interior é suficientemente forte, os rumos de qualquer tema serão canalizados para um pensamento vívido e positivo. O Brasil - e especialmente a cidade de São Paulo - oferece farto material de reflexão e debate, basta que o professor escolha algo, que de forma direta ou indireta, seja - para ele - uma questão de reflexão ou de vivência pessoal."

Essas palavras, doces e firmes, nos encorajaram a ir em frente.

A partir dessas colocações, tornamo-nos conscientes de que o mais importante para a matéria do Ensino Religioso era o Preparo do Professor.

O Preparo do Professor – Grupo de apoio

Podemos dizer que o preparo ocorre em dois níveis: o do grupo de professores e o individual.

O trabalho do grupo forma pilares que apoiam o trabalho individual do professor. Temos no Colégio Micael, três professores lecionando essa matéria no Ensino Médio. Quando esse grupo de professores se uniu com a decisão de trazer o ensino religioso aos jovens, estava formado o primeiro pilar de sustentação para o caminho individual do professor. Esse era o caminho da vontade de realizar. A partir dele, as ideias e a forma surgem.

A troca e a conversa entre os colegas que lecionam a matéria formam ainda dois pilares.

O segundo pilar se dá no momento em que é relatado aquilo que cada um está trabalhando em sua classe. Nesse encontro semanal, falamos de nosso trabalho em classe e os colegas trazem questões e argumentos que possam suscitar no professor que relata, uma verdadeira consciência sobre "o que" está trazendo aos alunos e para onde pode caminhar. Quando relatamos algo, isso se torna mais visível não só para quem nos escuta, mas toma uma forma clara dentro de nós. Esse momento de conversa traz uma espécie de reconhecimento sobre a importância, ou não, daquilo que estamos levando aos alunos. Desse reconhecer advirá a revalidação ou redirecionamento do trabalho. Algumas vezes, pode ser um cheque às nossas convicções e pressupõe - sempre - uma plena confiança entre os colegas.

Esse é o pilar da reflexão conjunta.

O terceiro pilar emergente do trabalho em grupo, é aquele que nos ajudará a permear os conteúdos com alegria, afeto e flexibilidade. Que nos ajudará a deixar o Ego e prestar atenção ao que os jovens trazem.

Esse pilar só poderá ser um efetivo sustentáculo se - por sua vez -for embasado pelo conhecimento da Antropologia antroposófica, da biografia humana, do que ocorre com os jovens a cada ano, quais são suas necessidades anímicas, sociais, éticas, quais os desafios que sua alma anseia para que possa estruturar-se para a vida, etc. Ele é -portanto- sustentado, em parte, pelo estudo individual dos professores. Mas, mais do que isso, é sustentado pela vibração e entusiasmo com que esses conhecimentos e experiências são trocados pelos colegas. Esse pilar liga o primeiro - "o da determinação" - ao segundo - "o da Reflexão"- e podemos chamá-lo de pilar do sentimento.

Esses três dão o sustentáculo para o trabalho individual do professor.

Preparo individual

Quando nos defrontamos com um grupo de jovens, tendo como matéria algo que se chama "Ensino Religioso" isso, por si só, já poderá suscitar problemas. Pela forma como nosso mundo vem praticando sua religião (dogmas, tabus, leis, conflitos e preconceitos) o jovem - de modo geral - assume uma postura de "crítico ateu". Para que as barreiras iniciais sejam rompidas, o professor precisa fazer como que um caminho de mão dupla: absolutamente rigoroso consigo mesmo, no sentido de cultivar e resgatar seu ser sagrado e descobrir intimamente as suas próprias defesas e potencialidades e ser completamente aberto ao jovem, escutando - sem nenhum julgamento- aquilo que os eles têm a dizer. O professor, antes de mais nada, não está lá para responder, mas para instigar os jovens a levantarem suas questões. Só a partir delas poderemos encaminhar " uma próxima aula". Como síntese, poderíamos dizer que o professor cria o cálice para acolher as perguntas, mas que só consegue criá-lo, se mergulhar fundo em si mesmo. Esse é o caminho do professor para dentro de si mesmo.

Um segundo aspecto a observar em nosso preparo baseia-se na solene afirmação: "quando se forma um Colegial em uma escola, o mundo é trazido para dentro dela". O jovem do terceiro setênio é sedento pelo mundo e assim deve permanecer, para que queira e possa, mais tarde, estar pronto para atuar nesse mundo. O professor que deseja ensinar - seja o que for - para um jovem, deve conhecer o que o mundo atual atravessa, quais são os desafios do homem contemporâneo, como estão sendo encaminhadas as buscas de soluções para os problemas do mundo, qual o estágio de desenvolvimento em que a humanidade se encontra, etc. Todas as questões éticas e morais que envolvem vários dos temas atuais, só poderão ser abordadas se as conhecermos, e sem dúvida, o jovem as trará em classe. Se o professor estiver despreparado para as questões do mundo - não necessariamente mundanas - o jovem logo o rotulará como retrogrado. Nessa fase, eles são bastante peritos em perceber algo inadequado e traduzi-lo com um apelido nada lisonjeiro.

Nesse caminho, o professor tem que estar atento e informado sobre o mundo. Nesse trabalho de preparação, o professor está aberto para o mundo.

Um terceiro e importantíssimo ponto é o conhecimento da fase que o jovem atravessa. Dos 15 aos 18 anos - poderemos constatar isso em farta literatura - o jovem atravessa diferentes patamares em direção ao encontro com sua própria identidade. A busca pelo EU trava batalhas não só com o mundo ao redor, mas do jovem contra ele mesmo. Precisamos entender o que ocorre ao jovem nesse período e - se possível - até resgatar nossa própria biografia para que possamos compreendê-lo. Relembrar e possivelmente trazer acontecimentos passados de nossa vida ou de amigos, pode - muitas vezes - propiciar um enorme alívio ao jovem que vive no hiato entre a consciência de ainda não saber o que será, mas já saber o que não é. A tempestade que ocorre exteriormente - roupas, cabelos e atitudes - é somente uma gota de água daquilo que ocorre no oceano da alma do jovem. O professor precisa ter consciência das forças astrais com que está lidando, se quiser encontrar o caminho que o levará à alma do seu jovem aluno. Algumas vezes, esse é um caminho bastante difícil, mas poderá ser suavizado se tivermos:

1. conhecimento sobre o que ocorre com eles;
2. disposição para relembrar como era isso consigo mesmo e
3. ter com quem trocar (em nosso caso, os colegas) esse conhecimento. Nesse caminho, nós nos ligamos efetivamente aos jovens. Nosso prêmio maior será poder partilhar de raros e preciosos encontros entre professor e aluno.

Em síntese, essas seriam as principais tarefas que um professor de religião deveria estar pronto a assumir ao preparar-se para o trabalho com o Ensino Médio.

As Aulas de Ensino Religioso e a escolha de temas

Sem dúvida a aula de religião é bastante trabalhosa. O professor está diante de um caminho solitário, sem esquemas definidos. Apenas algumas indicações sobre as quais deve traçar e direcionar as aulas buscando sempre a sinceridade, o aprofundamento e o engajamento naquilo que traz para o aluno. Tudo o que é dito deve ter real sentido para o próprio professor. Sua relação com a vida prática e com a religiosidade precisa ser saudável, sóbria e interativa. Assim sendo, o professor poderá ajudar o aluno a completar o seu processo encarnatório, trazendo conscientemente a religiosidade para a vida e realizando o ideal maior da nossa época — atuar com consciência. Perguntas como "quem sou" "o que faço neste mundo" "o que quero, o que posso e o que devo fazer" rascunham uma resposta. O grupo de Professores de religião precisa conhecer o currículo regular do ano, para saber os assuntos que permeiam a vida escolar da classe. A troca de experiências entre os professores de religião é sempre rica, mas não é garantia de aceitação em outro grupo. A ousadia na escolha dos temas é fundamental, cuidando sempre em não recair em arbitrariedades. O professor tem a liberdade de escolher

os temas que sejam relevantes e pertinentes ao grupo. Também pode abrir um canal para conversas onde os alunos expressem seus anseios, temores e interesses. Eles precisam sentir desejo de ter esses encontros, pois só assim os conteúdos trazidos encontrarão abertura, serão vivificados e acolhidos. É fundamental que o professor respeite e acate a maneira que cada aluno assimila tais conteúdos. Cada um tem seu universo particular e é com respeito e sensibilidade que dele nos aproximamos. E o aluno, em liberdade, concede tal aproximação. Na verdade, o professor se coloca perante os jovens com o intuito de abrir caminhos de observação, fazer ponderações, trazer relatos de experiência de vida, considerar novas formas de pensar, sentir e querer. Aos alunos cabe o trabalho interior, o que é deixado na liberdade de cada um.

As aulas possibilitam que o aluno tenha um encontro consigo mesmo, com o mundo atual e com a história da humanidade, ampliando assim seu raio de consciência. Aos poucos o aluno pode começar a vislumbrar sua missão de vida, cultivando ideais, que nada mais são que ideias permeadas de vontade.

Nessa etapa da vida o jovem está se desprendendo das ligações grupais e se voltando para a própria individualidade, e nas aulas de religião, o professor imbuído uma consciência de vigília pode auxiliar o aluno no resgate do que lhe é sagrado. O jovem poderá então viver uma solidão criativa e vigilante, e a partir dela encontrar sua identidade.

No decorrer dos anos escolares observa-se diferentes posturas dos alunos. A espontaneidade e a entrega dos primeiros anos do Ensino Fundamental dão lugar a um curto retraimento e um aparente desinteresse no 8º e 9º anos. A atenção aos conteúdos trazidos se dispersa e as contribuições orais no grupo se restringem a um ou outro comentário. Nesse momento, o professor pode intensificar as dinâmicas de grupo e as reflexões pessoais escritas, derivadas dos temas das aulas. Dessa forma o aluno estabelece uma ponte com seu professor, baseada na confiança mútua e conquistada paulatinamente. A leitura dessas reflexões deixa de lado o julgamento e abre um espaço de acolhimento, tolerância e compreensão.

A partir do 10º ano, o aluno já menos constrangido e mais seguro de si mesmo volta a interagir com o grupo, sendo capaz de contribuir efetivamente. As aulas tornam-se mais dinâmicas, vivas e polêmicas. Nos dois últimos anos pode-se trabalhar com mais profundidade os conteúdos de variadas religiões, em diferentes culturas, para que os alunos possam partilhar da incessante busca do homem pelo espiritual.

Vislumbra-se então o desvendar de um grande mistério — o encontro do divino no ser humano.

A Dinâmica das Aulas e as atividades extraclasse

O professor de Ensino Religioso pode estabelecer dinâmicas de aulas bem diversas, de acordo com a faixa etária dos alunos e com o tema abordado. O princípio subjacente a todas elas é de que haja interação, isto é, que a aula não seja meramente expositiva. Dentre as mais comuns podemos mencionar:

1. Discussões em que cada aluno coloca a sua própria posição;
2. Discussões em que grupos devem defender ideias que não sejam necessariamente as suas;
3. Estudo, comentários e pesquisas a respeito de uma biografia;
4. Produção de respostas escritas individuais sobre questões trazidas pelo professor;
5. Elaboração de questões concernentes a um determinado tema;
6. Contemplação de obras de arte;
7. Conversas a respeito de filmes ou peças de teatro recomendados ou assistidos em conjunto com os alunos;
8. Exercícios práticos de autopercepção e percepção do outro;
9. Atividades práticas sociais ou comunitárias;
10. Observação goetheanística da natureza ou de crianças pequenas;
11. Leituras em grupo para discussão e plenário posteriores;
12. Seminários individuais ou em grupo;
13. Vivências artísticas;
14. Experimentos científicos que ilustrem determinadas ideias;

Enfim, as possibilidades são inúmeras, e muito específicas para cada grupo.

No Colégio Micael além da aula semanal de Ensino Religioso, há duas viagens no Ensino Médio Preparadas pelos professores dessa área: a Viagem de Recepção do 9º ano e a Viagem – Época de Parsifal no 11º ano.

A ideia da viagem do 9º ano surgiu após os primeiros anos de funcionamento do Ensino Médio do Colégio Micael, quando passamos a contar com as classes 10, 11 e 12. Até então, o tempo de escola encerrava-se no 9º ano, e esse último ano tinha um caráter nostálgico, de despedida das famílias, alunos e professores. Havia toda uma preocupação com o futuro: "Para onde os alunos vão agora?" "Será que estarão bem preparados para o mundo lá fora? ".

A escola procurava orientar os pais sobre o melhor caminho para cada jovem. Havia muita ansiedade de pais e dos alunos. O 9º ano era um ano de fechamento, de preparar as malas para partir, um longo adeus. Com a instalação completa do Ensino Médio, nós nos demos conta de uma alteração na imagem do 9º ano: agora ele não era mais um final, mas o início de uma nova fase. Os alunos que antes eram os mais velhos da escola, passaram a ser os caçulas no novo grupo. Os pais não

sabiam bem se ou como deveriam continuar a ser "pais - Waldorf" no 3º setênio. Os alunos viam-se num limbo, sem pertencer mais ao grupo do Ensino Fundamental, mas também apartados do grupo dos mais velhos, pois suas atitudes oscilavam indistintamente pelos dois grupos. Essa sensação de não-pertencer é uma dentre as doloridas, que o jovem conhece nesse período. Daí a solidão, o ensimesmamento e o peso, que podem ter consequências realmente trágicas. Os pais não conseguem mais acesso aos filhos e os adultos em geral, tomam-se para os jovens, os seres irrelevantes ou - a priori - nefastos e cheios de defeitos imperdoáveis. A crítica pode ser a maior defesa nessa fase. A partir dessas observações pensamos:

"Por que não criar um momento especial para marcar essa passagem, para valorizá-la e para que os alunos sintam-se acolhidos e não apenas despejados? Afinal, os adultos têm muito a oferecer: calor, companheirismo, compreensão, ponderação, humildade, gratidão, criatividade, organização, trabalho em equipe, bom-humor e amorosidade. É papel dos adultos responsáveis pelos jovens, recebê-los do outro lado da ponte, sinalizar caminhos, mostrar um pouco dos tesouros que o jovem conhecerá nos próximos anos e conclamar os jovens a viver plena e fervorosamente essa nova fase da vida."

Inspirados nessa certeza e nos rituais de passagem encontrados nas mais diversas culturas, idealizamos a chamada "viagem-surpresa".

Essa viagem pode iniciar-se no meio de uma aula - que é interrompida - ou no "desvio" de uma excursão oficial. Mas é sempre algo "sui gêneris". De repente a rotina é quebrada com o aparecimento do tutor, do Professor de Ensino Religioso e dos alunos mais velhos que vão como monitores. Os alunos ficam sabendo que vão viajar naquele exato momento. Eles devem deixar tudo como está na sala e entrar num ônibus que está estacionado perto da escola. Surpresa, incredulidade, alegria, medo, rebeldias e até indignação podem aparecer nessa hora. A bagagem? Os pais prepararam - escondido - a mala de cada aluno (é talvez a última vez em que farão isso). É um momento bem dramático e inesquecível. Após as explicações devidas e o arrefecimento dos ânimos (vocês sabem o que é mudar os planos do fim-de-semana de um adolescente; não é?) começa a jornada.

Cada viagem é diferente, mas todas tiveram como ponto comum a transformação do humor: do mau humor inicial dos jovens para um crescendo de companheirismo, harmonia, encontro e abertura. Sempre há um tema principal a ser trabalhado e uma linguagem específica, que dependem do que o professor de Ensino Religioso está trabalhando naquela classe. Além de ajudar na organização e manter completo sigilo sobre a data da viagem, os pais são orientados a preparar uma caixa especial para seus filhos. Essas caixas - tão escondidinhas pelos professores, até o momento certo - contêm cartas, fotos, lembranças da infância, presentinhos... Essa caixinha só será entregue e aberta pelo jovem, num momento muito especial da viagem e em solidão. É um compromisso de transformar a relação, de buscar um novo diálogo, de acolher e de mostrar que apesar da infância

ter sido linda, essa nova fase será muito enriquecedora e cheia de maravilhas. Um compromisso e convite ao futuro. Durante a viagem, que dura uns 2 ou 3 dias, há caminhadas, conversas, atividades artísticas, momentos de reflexão, atividades em grupo, danças, provações, música e é trabalhado um conteúdo intimamente ligado àquele grupo de alunos. O trabalho conjunto do professor de Ensino Religioso, do tutor e dos pais é fundamental.

A viagem de Parsifal, no 11º ano, é um outro momento de tocar profundamente as questões essenciais. Tendo como pano de fundo a magistral obra de Wolfram Von Eschenbach, pode-se trabalhar em profundidade e de uma forma bem consciente com o aluno de 17 anos, sobre as questões biográficas e a religião com o mundo espiritual. Também nessa viagem, além das aulas e discussões que brotam do riquíssimo conteúdo do estudo dessa obra, os alunos desenvolvem atividades artísticas, participam de atividades individuais e em grupo nas quais cada um pode ser individualmente tocado e até transformar sua consciência numa ação, num caminho tão solitário como o dos cavaleiros em busca do Graal. "Que tarefas o ermitão nos passaria?" "Que reparações eu preciso fazer?" "Que dragões tenho de enfrentar?" "Quais são meus sonhos?" "O que tudo isso tem a ver comigo?" "O que – de fato – é essa coisa do amor cortês?" As questões são inúmeras, e aprender a fazê-las é o grande tema dessa época.

A Comunidade Escolar e o Ensino Religioso

Está bem claro para nós professores, que há possibilidades inesgotáveis de se trabalhar, Ensino Religioso no Ensino Médio e que precisamos continuar a aprofundar nosso estudo. Também constatamos, depois desses anos, que nossos alunos, famílias e professores reconhecem a necessidade de se cultivar a religiosidade na escola. É interessante ainda observar que em todas as avaliações com tutores, o ensino religioso figura como de muita importância entre os jovens. Este ensino precisa, portanto, ser carregado com muita consciência pela comunidade escolar. Daí a importância de haver um grupo de pessoas zelando e respondendo por ele. Os pais dos alunos devem ser mantidos informados sobre o que se está tratando em cada turma, através da participação do professor de Ensino Religioso em reuniões de classe. Os outros professores da escola precisam saber o que é a aula de Ensino Religioso, que temas são trabalhados e como, daí a necessidade de haver relatos nas reuniões gerais de quinta-feira. Pais e alunos novos do Ensino Médio devem ser informados - já na entrevista de matrícula - de que a escola oferece essas aulas. Tais aulas devem fazer parte da consciência da comunidade escolar. Caso contrário não teriam sentido e não deveriam ocorrer.